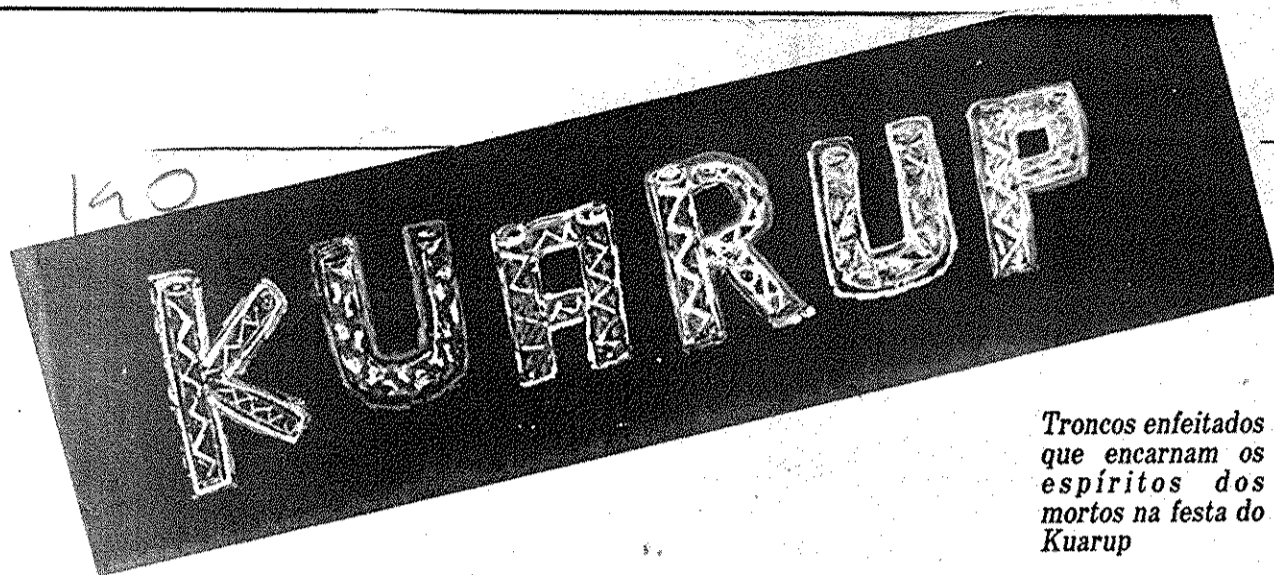


# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Quilombo de Imprensa Class.: 81X-Quarup/Visitas

Data: 14/12/87 Pg.: 743



Troncos enfeitados que encarnam os espíritos dos mortos na festa do Kuarup

Raramente vemos a televisão ser utilizada na integridade de suas potencialidades. E o que é pior, dificilmente nela acontece algum trabalho em que a imagem tenha o respeito e o tratamento adequado, não se tornando meramente apêndice do texto. Partindo de uma concepção de que o que vemos tem uma linguagem própria e portanto fala por si mesmo, o jornalista Washington Novaes criou "Kuarup", adeus ao chefe Malakuyawá, série documental que estreia hoje às 22h20min na Rede Manchete. Em cinco episódios, "Kuarup" mostra a mais importante festa dos índios do Alto Xingu, feita pelo Waurá em homenagem ao grande chefe Malakuyawá.

Malakuyawá, que morreu em 1986 com mais de 70 anos, vítima de uma pneumonia, era um pajé e o chefe de sua aldeia. Como o homem mais velho de seu grupo, era o depositário de toda a cultura dos Waurá. Em sua cabeça estavam a história, mitologia e costumes da nação, pois como todos os outros povos do Xingu, os Waurá não tem registro histórico de sua vida.

Logo após a morte de seu Cacique, os Waurá passaram um período sem poder se lamentar, tocar no nome do grande chefe ou chorar sua ausência. Era o período do luto, que durou até a noite de lua cheia em que se reuniram para festejar Malakuyawá, e para liberar

o seu espírito para o longo caminho em direção à aldeia dos ancestrais.

Segundo a cultura destes índios, o Kuarup é uma cerimônia que começa com o corte das árvores cujos troncos - enfeitados e cravados no centro da aldeia, local onde o morto fora enterrado - representarão o espírito dos que já morreram. A história é a seguinte: Mavutsini, o criador, quis devolver a vida aos mortos. Foi ao mato, cortou troncos e os enterrou, chamando o sapo cururu e a cotia para que cantassem e agitassem chocalhos sem parar até que os troncos criassem vida. Recomendou depois que todos os índios ficassem dentro de suas casas e não chorassem. No meio da noite, os troncos foram revivendo. Com o dia clareando, os pedaços de árvores já tinham cabeças, troncos, braços e Mavutsini ordenou que fossem todos para o centro da aldeia e gritassem diante dos troncos. Os que tivessem tido relações sexuais naquela noite, entretanto, estavam impedidos de ir olhar os troncos. Um homem resolveu desobedecer e saiu de sua casa para ver. Na mesma hora, os troncos pararam de se mexer e Mavutsini decidiu que os mortos não reviveriam mais, tornando-se o Kuarup apenas uma festa. Durante a festa, porém, que dura uma noite inteira e o dia seguinte, o espírito dos mortos se encarna nos troncos das árvores.

"Kuarup, adeus ao chefe Malakuyawá" conta exatamente esta festa. Gravada em apenas uma semana, em regime de produção intensiva, a série mistura imagens feitas há três anos, quando Washington Novaes e sua equipe visitaram os Waurá para realizar o documentário "Xingu", com cenas do presente. Assim que começaram os preparativos para o Kuarup de seu chefe, os Waurá avisaram ao jornalista, convidando-o para gravar a homenagem, uma vez que quando do outro vídeo, os índios receberam pagamento pelos direitos de imagem, prática que se repetiu com "Kuarup". Novaes valeu-se então de imagens de Malakuyawá comandando festas, andando, colhendo mandioca brava, fazendo um gesto de carinho com sua mulher Kauné, que tornou-se símbolo de uma relação diferente entre homem e mulher. Com a equipe que filmava o "Xingu" hospedada na casa do pajé, Kauné estava sentada, com a neta catando piolhos, quando o fotógrafo Lula Araújo resolveu gravar a cena. Assustada, Kauné começou a chorar. Malakuyawá pegou sua mão, puxou-a para si e principiou a fazer carinhos para que ela se acalmasse, chegando até a acariciar-lhe os seios, gesto que ela, envergonhada, tentou conter. Só quando a esposa estava completamente tranquila ele permitiu que Lula Araújo voltasse a gravar.



Fotos Washington Novaes

Usando e abusando dos closes, das imagens longas sem qualquer texto, "Kuarup" pontua as variações entre passado e presente valendo-se de fades - escurecimento completo da tela por alguns segundos. Não há excesso de efeitos especiais, o que dá uma estética mais naturalista, onde o forte são as cores, os vermelhos-terra, os verdes brilhantes, os amarelos. O som não poderia reforçar de forma melhor este estilo natural - toda a música foi feita pelos próprios índios, e a única interferência do homem branco nos ruidos que acompanham os cinco episódios da série é a narração de Washington Novaes. O resultado é uma sonoridade belíssima, talvez uma das maiores qualidades da série, e que permanece na memória, como indicio de uma cultura forte e que não deve se perder no contato do índio com a civilização.

### Os episódios

É noite. Um grupo de homens, cantando, se reúne em torno de uma fogueira. Está começando a festa, e com ele o primeiro episódio da série, que, como todos os demais, tem 45 minutos. As cenas iniciais são escuras, quase que só se percebe a silhueta dos índios, mas seu canto invade de maneira surpreendente a telinha. Assim é o início de "Kuarup, adeus ao chefe Malakuyawá", que tem pouquíssima iluminação, utilizando basicamente as fogueiras acesas para a homenagem. Diante da casa dos homens, no centro da aldeia, um grande tronco de árvore, adornado com faixas, penas, sementes e filhas simboliza o espírito encarnado de Malakuyawá, junto com outros dois menores que representam outros dois mortos recentes da aldeia. Só depois de dez minutos de programa é que vem a abertura, criada pelo artista plástico Siron Franco, com a palavra Kuarup escrita com letras coloridas que foram colocadas sobre imagens da festa e do dia-a-dia dos Waurá em câmara lenta.

O segundo programa começa ao amanhecer e fala principalmente dos convidados para o Kuarup - grandes chefes de outras tribos, e até homens brancos - e da festa em si, com a dança que constitui o centro deste dia e as lutas entre os homens.

A tarde de domingo abre o terceiro episódio, com o pagamento dos

índios àqueles que os ajudaram a realizar o Kuarup. Em seguida, vem a última dança, da qual somente os homens podem participar, e os enfeites são retirados, com a derrubada dos troncos. Um protesto contra os homens é a dança do Jacu, na qual as meninas lutam.

O cotidiano é o tema do quarto programa, em que é feito um paralelo entre o que mudou nestes três anos, desde a realização de "Xingu", e o que permaneceu. É uma descrição detalhada dos hábitos e costumes dos Waurá, da sua vida e da sua cultura, que ameaça se perder.

O último episódio abre com uma pescaria e com a resolução dos índios de fazer outra festa. É quando dançam o Wakure, no qual encarnam um pássaro. Para Washington Novaes, esta é a única dança em que há indícios de sensualidade - os homens exageram no urucum para poder manchar as costas da mulher, visto que fazem os movimentos abraçados. No mesmo programa, é tratada a sucessão do grande chefe Malakuyawá e é documentada a entrega de um trator à aldeia pela Ford e pela Manchete. Esta era uma reivindicação antiga dos Waurá, que acreditavam que, quando a equipe de Novaes chegou ao Xingu pela primeira vez, estava indo para entregar um trator para os índios.



Homens e mulheres waurá se enfeitam para o grande ritual

### Ficha técnica:

Produção: Manchete, Intervideo e WN Produções  
 Direção e apresentação: Washington Novaes  
 Direção e fotografia: Lula Araújo  
 Direção de imagem: João Paulo Carvalho  
 VT e som: Aírton Duarte e Antônio Gomes  
 Edição: Paulo Célio Ribeiro e Júlio César  
 Produção: José Carmo  
 Direção de Arte: Siron Franco  
 Administração do projeto: Cláudio Pereira.